

SUBSÍDIOS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO RELIGIOSO



Informativo da ASSINTEC n° 38

AS 4 MATRIZES DA RELIGIOSIDADE BRASILEIRA



Fonte da imagem: <http://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/arquivos/File/simuladores/inicio.swf>

A disciplina de Ensino Religioso tem como desafio a superação das tradicionais aulas de religião e a implementação de uma disciplina de caráter escolar que objetiva fomentar o respeito à diversidade cultural e religiosa. Mas como tratar da diversidade religiosa visto que é tão ampla? Quais religiões deveriam ser tratadas para podermos afirmar que estamos respeitando a diversidade? Porém o principal questionamento dos professores diz respeito a quantas e quais religiões devem ser trabalhadas para contemplar a diversidade? Neste sentido, este Informativo visa refletir e trazer uma proposta pedagógica para os professores com relação às quatro matrizes religiosas presentes no Brasil: indígena, ocidental, africana e oriental.

NESTA EDIÇÃO

DIVERSIDADE RELIGIOSA BRASILEIRA E AS QUATRO MATRIZES.....	02
SUBSÍDIOS PEDAGÓGICOS.....	06
INFORMAÇÕES GERAIS.....	15

DIVERSIDADE RELIGIOSA BRASILEIRA E AS QUATRO MATRIZES

Elói Corrêa dos Santos – ASSINTEC-SEED/PR

Nunca somos um só, somos sempre uma pequena multidão que vive dentro da gente buscando formas de compreender nossa passagem por este mundo. Esta multidão age em diferentes direções e nos dão diferentes razões para viver. Não importa muito em que condição social nascemos. Nascer índio ou não-índio é apenas um detalhe. Há muitos que querem ser índio por terem amor pela causa ou por entenderem que isso é uma benção divina. Acabam se transformando. Há os que, sendo índio, desejam não sê-lo por causa do estigma a que são vítimas desde que nascem. Estes, normalmente, não são muito felizes, pois negam o que são vivendo uma vida que não lhes pertence de fato. [...] Não se pode culpar ninguém por tentar viver sua vida da melhor forma possível. (Daniel Munduruku, 2010).

A Associação Inter-Religiosa de Educação (ASSINTEC), há mais de quarenta anos vem desenvolvendo atividades de assessoria e prestação de serviço à Secretaria de Estado da Educação do Paraná e às Secretarias Municipais no que diz respeito a efetivação da disciplina de Ensino Religioso, com o objetivo de auxiliar no cumprimento das leis vigentes que afirmam que o Ensino Religioso deve favorecer o respeito à diversidade cultural e religiosa e fomentar o repúdio a toda forma de preconceito e discriminação religiosa.

Assim, a ASSINTEC formada por lideranças de diversas organizações religiosas, atualmente sob a presidência do Pe. Carlos Chiquim, tem buscado o diálogo inter-religioso e a criação de espaços de formação para professores e interessados no Ensino Religioso, por meio de cursos, produção de materiais didáticos e visitas pedagógicas aos Lugares Sagrados de variadas tradições religiosas.

Uma questão levantada pelos pesquisadores da religião e pelos professores nas formações continuadas é como e de que forma pode-se garantir o trabalho com a diversidade religiosa na sala de aula? Quais religiões deveriam ser abordadas e tratadas para podermos afirmar que estamos respeitando a diversidade? Porém, o principal questionamento dos professores diz respeito: a quantas e quais religiões devem ser trabalhadas para que contemple a diversidade? Tratar apenas das várias religiões cristãs daria conta desta diversidade? Trabalhar com as chamadas grandes religiões?

Diante deste questionamento a equipe pedagógica da ASSINTEC (Associação Inter-Religiosa de Educação), juntamente com os responsáveis pelo Ensino Religioso na SEED/PR por meio do DEB, SME de Curitiba e SEMED de Pinhais, através de pesquisas entendem e orientam que para sermos razoáveis nesse quesito, ao abordar os conteúdos do Ensino Religioso, devem ser consideradas as quatro matrizes religiosas: indígena, ocidental, africana e oriental - na ordem histórica da formação do povo brasileiro.

Portanto, esse tema surgiu da necessidade de se discriminar e fundamentar as principais bases e origens daquilo que vem a ser o âmago do processo de construção da diversidade de religiões e espiritualidade do povo e da cultura brasileira.

Reconhecendo a existência de um número imenso de religiões, entendemos que para dar conta dessa situação precisamos compreender a formação da religiosidade brasileira e pensar a diversidade religiosa a partir da construção histórica do Brasil. E assim, chegamos ao consenso que esse processo de construção da cultura religiosa se deu por meio de quatro grandes matrizes: indígena, ocidental, africana e oriental.

Então surgiram várias dúvidas sobre as quatro matrizes, porque do ponto de vista geográfico a matriz indígena é ocidental, e o Cristianismo tem sua gênese no oriente médio. As religiões africanas estão em parte no ocidente e parte no oriente, embora a África comumente seja dividida por meio da rotura subsaariana (abaixo e acima do Saara).

Pois bem, nossos pressupostos não se definem pela divisão norte, sul, leste e oeste sob o ponto de vista geográfico, ou ainda por meio de uma análise da gênese geográfica de cada religião, mas sim a partir do próprio território brasileiro e de suas genealogias religiosas. Dito isto,

colocamos a questão fundacional: Qual é a primeira matriz religiosa brasileira? Ora, ainda que a religiosidade indígena tenha sido negada pelos primeiros invasores e antropólogos, inegavelmente temos que admitir que a primeira matriz religiosa do Brasil, é a Indígena.

Os povos indígenas brasileiros em toda a sua diversidade e riqueza cultural possuíam e possuem uma enorme variedade de religiosidades visto que são muitos povos com costumes e dialetos diferentes. Então, não podemos falar em religião indígena, pois há tantas formas de religiosidade quanto há povos distintos.

Outro aspecto que devemos salientar de antemão é que precisamos fazer uma ressalva a partir do que nos aponta Pereira (2010), ao afirmar que o entendimento sobre religião adotado pelo ocidente, na significação de religião com o transcendente, não se aplica a espiritualidade Guarani, pois os pertencentes a esse povo não marcam espaço e tempo dividindo-os em categorias de sagrado e profano, nos termos em que conceituou Mircea Eliade, em sua obra O sagrado e o profano.

Contudo, para efetuar uma intermediação entre a academia e a religiosidade dos povos indígenas brasileiros, adotamos o termo religião sem esquecer que o termo não se aplica ao caso estudado em todas as suas nuances e particularidades. Essa identificação não é apenas uma questão de resgate histórico, mas também de alteridade e reconhecimento da importância do Xamanismo Indígena brasileiro tanto para esses povos tão massacrados como para a formação da espiritualidade de nosso povo.

A segunda matriz presente no território brasileiro é oriunda da Europa ocidental, pois ainda que se possa afirmar a gênese geográfica oriental do Cristianismo, foi de Portugal e Espanha que o Cristianismo Católico Apostólico Romano veio para o Brasil no processo de colonização.

No período colonial e imperial o Cristianismo enquanto matriz religiosa difundiu, por meio das missões Jesuíticas e da devoção aos santos e santas, o chamado Cristianismo popular.

Segundo Leonardo Boff, uma das maiores criações culturais de âmbito religioso no Brasil é representada pelo Cristianismo popular, que se tornou uma força impositiva nas comunidades. Assim, colocados à margem do sistema político e religioso, os pobres, indígenas e negros deram corpo a sua experiência espiritual no código da cultura popular que se rege mais pela lógica do inconsciente e do emocional do que do racional e do doutrinário. (BOFF, 2014).

A terceira matriz introduzida no Brasil foi a matriz africana, que trouxe nas galeras os negros escravizados, a crença nos orixás e também alguns traços de influências da religião islâmica, entre outras formas de religiosidade praticadas na África.

Segundo o pensador brasileiro Gilberto Freyre (2001), a nossa herança cultural e religiosa africana é notória e pode ser percebida no sincretismo religioso entre santos e orixás, e também numa série de elementos da linguagem, da alimentação, dos hábitos e das crenças.

De acordo com Kavinajé (2009), o que chamamos de religião de matriz africana, mais propriamente dita, é o Candomblé e a Umbanda

Os bantos, depois de um primeiro período de autonomia religiosa, que se conhece através de documentos históricos, assistiram à transformação de seus cultos. Por um lado, esses deram lugar à macumba; por outro, amoldaram-se às regras dos candomblés nagôs, não se distinguindo deles senão por uma maior tolerância. Os cultos bantos em gradativo declínio acolheram os espíritos dos índios, o que iria levar ao surgimento de um "candomblé de cablocos", e adotaram cantos em língua portuguesa, ao passo que os candomblés nagôs só usam cantos em língua africana. (KAVINAJÉ, 2009).

Importante salientar que os terreiros de Candomblé e Umbanda além de serem o lugar sagrado das religiões de matriz Africana, são também palco de resistência social e política, bem como local de afirmação e reafirmação da identidade e das crenças dos povos trazidos como escravos para o Brasil.

A quarta matriz religiosa também desembarca nas terras dos indígenas no processo de imigração dos povos orientais, principalmente com os japoneses, mas que posteriormente se expande, ampliando assim, o leque de religiões orientais seguidas no Brasil. O Budismo desembarca nas terras tupiniquins no início do século XX e é a organização religiosa mais antiga

e numerosa no Brasil, dentre as religiões de matriz oriental. Segundo o Censo de 2010 são 243,966 mil praticantes no Brasil. O Budismo que mais prospera no Brasil é o Tibetano, liderado pela sua santidade o Dalai Lama.

Mas não podemos esquecer, entre as religiões de origem japonesa, da Igreja Messiânica Mundial do Brasil, que inicia sua trajetória religiosa aqui no ano 1955, e a Seicho-No-Iê, que inicia suas atividades religiosas em terras brasileiras em 1930. Assim como o movimento Hare Krishna originário na Índia e a Fé Bahá'í, de origem persa cuja comunidade começa no Brasil em fevereiro de 1921.

Desta forma podemos perceber que temos quatro matrizes religiosas distintas naquilo que podemos chamar de construção fundacional da religiosidade brasileira. Embora este assunto não tenha sido ainda discutido nos patamares que aqui apresentamos, outros estudos se dedicaram a explanar sobre as matrizes religiosas, mas como influências na construção de uma religiosidade plural, como podemos ver na tese de Bittencourt (2003), que diz “a existência, no bojo da matriz cultural, de uma matriz religiosa, que provê um acervo de valores religiosos e simbólicos característicos, assim como propicia uma religiosidade ampla e difusa entre os brasileiros”.

Nos meados da década de 1980, o antropólogo André Droogers apontava em seus estudos uma matriz cultural religiosa brasileira que ia além da instituição religião, uma Religiosidade Mínima Brasileira (DROOGERS, 1987). Esse fenômeno religioso é chamado de “Gelebte Religion”, ou religião vivenciada (FAILING, 1998). Contudo Droogers se refere à uma matriz religiosa comum que engloba inclusive elementos de fora das instituições religiosas convencionais como a mídia, os esportes e a economia.

Também é comum encontrarmos leis e documentos oficiais se referindo ao termo matrizes religiosas principalmente no que diz respeito as matrizes africana e indígena. Isso se justifica pelo fato dessas matrizes serem as mais discriminadas e até mesmo negadas. Assim, os órgãos competentes criam mecanismos de proteção à essas matrizes religiosas que integram a religiosidade brasileira. Entre outras podemos citar o ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL (LEI Nº 12.288, DE 20 DE JULHO DE 2010.), faz defesa expressa do direito a não discriminação das religiões de matrizes africanas:

“Art. 23. É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.

Art. 24. O direito à liberdade de consciência e de crença e ao livre exercício dos cultos religiosos de matriz africana compreende:

I – a prática de cultos, a celebração de reuniões relacionadas à religiosidade e a fundação e manutenção, por iniciativa privada, de lugares reservados para tais fins; [...]

Art. 26. O poder público adotará as medidas necessárias para o combate à intolerância com as religiões de matrizes africanas e à discriminação de seus seguidores, especialmente com o objetivo de:

I – coibir a utilização dos meios de comunicação social para a difusão de proposições, imagens ou abordagens que exponham pessoa ou grupo ao ódio ou ao desprezo por motivos fundados na religiosidade de matrizes africanas

Outro documento oficial que cita o conceito de matrizes é o Art. 26 da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96, que orienta a oferta de disciplinas e conteúdos para as escolas normais da união, onde subscreve:

§ 4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia.

Igualmente o Programa Nacional de Direitos (PNDH 3) que afirma na política de educação em direitos humanos a necessidade de construir e valorizar a consciência histórica e a memória da formação brasileira

Objetivo estratégico VI:

Respeito às diferentes crenças, liberdade de culto e garantia da laicidade do Estado.

Ações programáticas:

a) Instituir mecanismos que assegurem o livre exercício das diversas práticas religiosas, assegurando a proteção do seu espaço físico e coibindo manifestações de intolerância religiosa. Recomendação: Recomenda-se aos estados e ao Distrito Federal a criação de Conselhos para a diversidade religiosa e espaços de debate e convivência ecumênica para fomentar o diálogo entre estudiosos e praticantes de diferentes religiões.

b) Promover campanhas de divulgação sobre a diversidade religiosa para disseminar cultura da paz e de respeito às diferentes crenças.

d) Estabelecer o ensino da diversidade e história das religiões, inclusive as derivadas de matriz africana, na rede pública de ensino, com ênfase no reconhecimento das diferenças culturais, promoção da tolerância e na afirmação da laicidade do Estado.

Assim, tratar das quatro matrizes religiosas que dão origem a rica diversidade de religiões no Brasil, além de implementar o exercício da cidadania e o fomento ao conhecimento e o respeito, amplia nossos horizontes enquanto cidadãos conscientes de seus direitos e deveres numa sociedade democrática e republicana. Em tempos de crises sociais e políticas em âmbito mundial, o estudo e o diálogo inter-religioso aparece como uma possibilidade de superação do grande desafio da humanidade: vivermos juntos em paz com respeito e alteridade.

Elói Corrêa dos Santos
Equipe pedagógica ASSINTEC
eloi_correa@seed.pr.gov.br
<http://lattes.cnpq.br/9784068194566670>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BITTENCOURT, José Filho. **Matriz religiosa brasileira**. Religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes/Koinonia, Petrópolis/Rio de Janeiro 2003.

BOFF, Leonardo. **O povo brasileiro: um povo místico e religioso**. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2014/03/16/o-povo-brasileiro-um-povo-mistico-e-religioso/>.

BRASIL. [Estatuto da igualdade racial (2010)]. Estatuto da igualdade racial [recurso eletrônico] : Lei nº 12.228, de 20 de julho de 2010, e legislação correlata. – 3. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 120 p. – (Série legislação ; n. 115).

BRASIL. **LDB : Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

DROOGERS, André. (1987), "**A religiosidade mínima brasileira**". *Religião e Sociedade*, vol. 14, nº 2: 62-86.

FAILING, W.-E.; HEIMBROCK, H.-G. *Gelebte religion Wahrnehmen: Lebenswelt, Alltagskultur, Religionspraxis*. Stuttgart: Kohlhammer, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 43 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

KAVINAJÉ, Tata Kisaba: **O sacrifício do povo africano cultura Afro - Americana**. Disponível em: <<http://www.ritosdeangola.com.br/Historico/historico04.htm>. Acesso em 28 jan. 2016.

Leia mais em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-influencia-africana-no-processo-de-formacao-da-cultura-afro-brasileira/21319/#ixzz4AQtNNb5v>

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando**. São Paulo: Editora UK'A, 2010.

_____. **O sinal do pajé**. Ilustração de Taísa Borges. São Paulo: Editora Peirópolis, 2011.

PEREIRA, J. J. F. Mborayu: **O espírito que nos une. Estudo sobre um conceito da espiritualidade guarani**. Tese de Doutorado. Metodista- SP. 2010.

SUBSÍDIOS PEDAGÓGICOS

Conteúdo: Rito de Iniciação da menina judia

Objetivo: Conhecer a existência de diferentes ritos e rituais de iniciação.

Rito de iniciação no Judaísmo

Simchat Bat

Simchát Bat é uma cerimônia realizada quando há o nascimento de uma menina judia. É nesta ocasião que a menina recebe seu nome judaico e uma benção especial do rabino. É costume a família participar do serviço religioso na sinagoga da Congregação Israelita Paulista no primeiro Shabat após o nascimento da criança. Contudo, é importante salientar que não é estipulada uma data específica para a cerimônia, ficando a critério dos pais o melhor momento para sua realização. O formato da cerimônia varia de comunidade para comunidade pelo fato da Halachá não estipular nenhuma regra sobre a maneira de se dar um nome à menina. A cerimônia de Simchát Bat também é conhecida como Zéved Habat. A palavra Zéved significa em hebraico: parte, presente ou porção. Ela foi empregada pela primeira vez na Torá quando nasceu Zevulun, filho de Iacov e Lea. Lea disse: “Deus me deu um bom presente”. A benção feita na cerimônia foi inspirada nas palavras que Deus falou ao nosso patriarca Avraham, referindo-se à sua esposa Sara: “A tua mulher não mais será chamada de Sarai, porque a partir de agora seu nome será Sara, e a abençoarei”. Os ashkenazim não têm o costume de dar à criança nome de parentes vivos; já os sefaradim dão justamente o nome de um parente vivo como forma de homenageá-lo e ressaltar o hemshech (a continuidade) em vida. Na Congregação Israelita Paulista, após a celebração, a família pode oferecer um kidush no Salão Nobre. Nela são servidas bebidas e em muitas vezes bolos, biscoitos e peixe.

Fonte: <http://www.cip.org.br/judaismo/ciclo-da-vida/>



<http://ienniferweissphotography.com/blog/tag/simchat-bat/>

Atividades:

- 1 – Dramatizar com os estudantes como seria esta apresentação da menina judia;
- 2 – Onde ela acontece?
- 3 – Quem realiza esta cerimônia?
- 4 – O que acontece depois do rito?
- 5 – Colar no caderno do/a estudante o texto abaixo e fazer a ilustração do rito.

NO JUDAÍSMO EXISTEM DUAS PRÁTICAS RELIGIOSAS: O BRIT MILÁ E O SIMCHAT BAT. NESSAS DUAS PRÁTICAS OS BEBÊS SÃO APRESENTADOS NA SINAGOGA APÓS O NASCIMENTO PARA A COMUNIDADE JUDAICA.
NO SIMCHAT BAT O RABINO DIZ:

“D’US ME DEU UM BOM
PRESENTE”

- 6 – Explicar a escrita da palavra D’US. Ele é tão sagrado que não pode ser escrito em nenhum lugar fora a Torá.

Conteúdo: Rito de passagem

Objetivo: Reconhecer a importância de diferentes ritos e rituais de passagem nas organizações religiosas.

Rito de passagem Indígena

Ritos de casamento – Xavante

Entre os Xavante são os pais que tratam da escolha dos cônjuges para os seus filhos. Assim que um grupo de rapazes termina a cerimônia de iniciação, realiza-se uma cerimônia coletiva de casamento. As mães trazem suas filhas, ainda meninas, e as deitam junto a seus noivos, que cobrem as faces com as mãos e estão de costas para elas. As meninas ficam apenas um momento nessa posição, sendo retiradas logo em seguida. Depois são servidos bolos de milho aos convidados, com o milho fornecido pelas casas dos noivos e noivas. O rapaz deve esperar que a noiva cresça para morar com ela. Ao nascer o primeiro filho, passa a morar definitivamente na casa da família da esposa.

Fonte: <http://www.gper.com.br/noticias/e16497de60b8cdb335b018803d3040fd.pdf>

1 – Que rito é este, para que ele serve?

2 – Localize no mapa com o auxílio da sua professora onde está localizado o Povo Xavante.

3 – Fazer a dramatização com os estudantes.

4 – Entregar a palavra casamento com as sílabas embaralhadas e solicitar que as coloquem em ordem:

MEN	CA	TO	SA
-----	----	----	----



5 – Trazer imagens de diferentes ritos de casamento:

Conteúdo: Rito celebrativo

Objetivo: Conhecer as diferenças dos ritos e rituais celebrativos e de purificação.

Rito celebrativo ocidental

Origem do Natal

O Natal é a primeira festa do calendário cristão. Neste dia é comemorado ao nascimento de Jesus. A palavra “natal” vem do latim “natale”, que se refere a nascimento.

Os cristãos católicos romanos e os protestantes celebram o natal no dia 25 de dezembro (escolhido pelo imperador Constantino para coincidir com o festival do sol).

Os cristãos ortodoxos comemoram o nascimento de Jesus no dia 07 de janeiro. Ninguém sabe a data exata do nascimento Dele.

Fonte: http://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/arquivos/File/boletins_informativos_assintec/informativo_assintec_33.pdf

- 1- Você sabe como acontece a celebração do Natal nas organizações religiosas?
- 2- Pesquise com seus colegas, professora ou seus familiares que outros ritos celebrativos existem.

Conteúdo: Ritos e rituais de purificação

Objetivo: Conhecer as diferenças dos ritos e rituais celebrativos e de purificação.

Ritual de purificação ocidental

Na Igreja Católica, o uso do incenso nas celebrações é um ato de purificação. Como elemento litúrgico, ele favorece a criação de uma atmosfera sagrada, e inspira em todos uma atitude de reverência.

E o que é o incenso? É um concentrado de resinas de plantas; joga-se o incenso na brasa do turíbulo, e então seu perfume se espalha pelo ambiente por meio da fumaça.

Simbolicamente, **essa fumaça é a oração do sacerdote e dos fiéis que sobe aos Céus.**

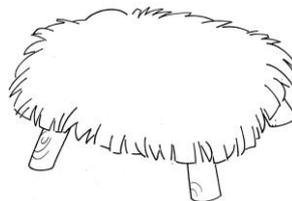
Nas celebrações em geral, percebemos a oração do povo somente por meio da audição. Porém, quando se usa o incenso, a oração se torna sensível para nós também por meio de dois outros sentidos: a visão e o olfato.

Texto adaptado de: <http://ocatequista.com.br/archives/9768>



<http://www.ofielcatolico.com.br/2005/09/o-uso-do-incenso-na-igreja-catolica.html>

- 1 – Conversar com os estudantes sobre estes dois ritos e distinguir as diferenças entre eles;
- 2 – Entregar imagens de uma manjedoura e de um menino Jesus para que possam pintar e colar no caderno, lembrando que para os cristãos como um todo o mais importante não é a data mas sim o significado do nascimento de Cristo:



- 3 – Entregar uma imagem de um turíbulo para que os estudantes pintem e escrevam segundo o texto o seu significado, contando também que outras organizações religiosas também fazem uso do da fumaça através do incenso e qual o seu significado:



Conteúdo: Rito mortuário e fúnebres

Objetivo: Reconhecer as características dos ritos e rituais mortuários e funerários.

Rito mortuário e fúnebres – muçulmano

Imediatamente depois da morte

Imediatamente depois da morte os presentes devem fechar gentilmente os olhos do morto e dizer a súplica simples para os afligidos por uma calamidade. A Deus pertencemos e para Ele é o nosso retorno. Se o morto não tiver pago suas dívidas antes de morrer, agora é hora de pagar as dívidas usando seus bens ou os bens da família, parentes ou amigos. Esse é um assunto importante. Todo o corpo do morto deve ser coberto, exceto daquele que morre em estado de *Ihraam* - ou seja, durante a peregrinação (Hajj ou Umrah), em cujo caso a cabeça e rosto não devem ser cobertos. É permissível beijar o morto. Sabemos que quando o profeta Muhammad morreu, seu melhor amigo se curvou e o beijou na testa entre os olhos dizendo: "Ó meu profeta, Ó meu melhor amigo."

Ao ouvir a notícia da morte de uma pessoa um crente deve tentar se manter firme e paciente. Não é permitido gritar, lamentar, bater no peito e puxar os cabelos ou roupas.

Preparar o morto para o sepultamento é a responsabilidade da comunidade muçulmana. O corpo é manuseado com respeito, muito cuidado e gentileza. A lavagem e preparação para o sepultamento são geralmente realizadas por pessoas do mesmo gênero do morto. (...)

A oração fúnebre

Uma oração deve ser feita para cada muçulmano morto, jovem ou idoso, e até para bebês que morreram antes do nascimento. (...) Não é necessário que o corpo seja trasladado para outro país.

A oração fúnebre deve ser realizada em congregação. O número de participantes na oração fúnebre também acarreta grande recompensa para o morto. O profeta Muhammad disse que se um muçulmano morrer e quarenta muçulmanos devotos orarem por ele na oração fúnebre, Deus aceitará as orações dessas pessoas.

Depois da oração fúnebre o morto deve ser levado ao cemitério islâmico ou a seção islâmica do cemitério local. Carregar um caixão e acompanhá-lo até o sepultamento é um ato recomendado e recompensável.

O Sepultamento

O Islã tem um estilo único de construir túmulos e cemitérios que se caracteriza pela simplicidade e humildade. Todos os muçulmanos, ricos, pobres, rei ou plebeu são enterrados seguindo o mesmo procedimento. Não é permitido sepultar o morto no caixão, a menos que exista alguma exigência a ser seguida em uma área ou país em particular.

O sepultamento deve ser feito o mais rápido possível após a morte, entretanto, existem horários específicos em que é proibido enterrar o morto. São do início do nascer do sol até que o sol tenha nascido, quando o sol está no seu pico e do momento em que o sol começa a se por até que tenha se posto totalmente. Depois do sepultamento é permitido que os crentes fiquem no cemitério fazendo súplicas, já que esse é o momento em que o falecido está sendo questionado pelos anjos.

Fonte: <http://www.islamreligion.com/pt/articles/4946/viewall/ritos-funerarios-no-islam-parte-1-de-3/> .

- 1 – Conversar com os estudantes sobre o rito mortuário de sepultamento dos muçulmanos.
- 2 – Pesquisar como acontece o rito fúnebre e mortuário em sua organização religiosa e, se a família não possuir nenhuma crença religiosa poderá narrar quando participou de algum destes ritos.
- 3 – Pesquise como são esses ritos em outras organizações religiosas.

Conteúdo: Ritos e rituais: – Adivinhatórios e Cura

Objetivo: Conhecer a função e a importância dos ritos e rituais adivinhatórios e de curar

Ritos e rituais: – Adivinhatórios e Cura



http://www.taromancia.com.br/wp-content/uploads/2015/10/cesta_buzios01.jpg

Jogo de búzios

O jogo de búzios é uma das artes divinatórias utilizado nas religiões tradicionais africanas e nas religiões da Diáspora africana instaladas em muitos países das Américas.

Existem muitos métodos de jogo, o mais comum consiste no arremesso de um conjunto de búzios sobre uma mesa previamente preparada, e na análise da configuração que os búzios optam ao cair sobre ela. O adivinho, antes reza e saúda todos os Orixás e durante os arremessos, conversa com

as divindades e faz-lhes perguntas. Considera-se que as divindades afetam o modo como os búzios se espalham pela mesa, dando assim as respostas às dúvidas que lhes são colocadas.

Fonte: <http://www.fietreca.org.br/jogo-de-buzios/>

- 1 – O jogo de búzios para as religiões de tradição africana servem para quê?
- 2 – O que esses búzios representam? Quem são esses orixás?
- 3 – Quem é a pessoa que joga os búzios?
- 4 - Que outras práticas de adivinhação existem? Pesquise e traga para compartilhar com seus colegas.

Banho de rosas para crianças

Oxum orixá protetora das crianças

Crianças que ficam muito agitadas sem razão aparente, por longos períodos e com dificuldades em dormir podem se beneficiar de banhos de limpeza de alecrim da horta (*planta de Oxalá*). O banho deve ser tomado quase frio do pescoço para baixo.

O banho de pétalas de rosas brancas (*Iemanjá*) é outra alternativa para os doentes que utilizam o banho de rosas para crianças como alternativa de tratamento, sem nunca deixar de consultar também os médicos da terra, claro!

O banho de limpeza de camomila (*Panta de Oxum*) é excelente para restabelecer forças espirituais e afastar mau olhado. *Indicado a* crianças que ficam apáticas e sem energia sem motivo aparente.



Fonte: <http://www.raizesespirituais.com.br/banhos-descarrego-limpeza-flores-criancas/>



- 1 – Dar impresso ou solicitar que os estudantes copiem o texto de cada um dos banhos de criança.
- 2 – Pesquisar quais são as plantas utilizadas nos banhos: Alecrim, rosa branca e camomila.
- 3 – Ilustrar essas plantas ou recortar imagens para colar junto ao orixá.
- 4 – Circular no texto o nome dos orixás e das plantas.
- 5 – Pesquisar se existem outros banhos de cura e se em outras organizações religiosas também existem práticas de cura e como acontecem.

ATIVIDADE: FESTAS RELIGIOSAS

Esta atividade possui o intuito de desenvolver a habilidade de identificar as festas religiosas sagradas e a matriz religiosa a que ela pertence conforme foi trabalhado no texto do Informativo. Mas também de visualizar em que região brasileira elas ocorrem e de forma interdisciplinar utilizar-se de instrumentos e recursos da geografia e da história.

Sugere-se que o professor (a) desenhe um mapa regional do Brasil em tamanho grande. Em seguida pesquise imagens de festas religiosas sagradas de variadas regiões do Brasil tomando o cuidado de contemplar as quatro matrizes religiosas. Então, ao mostrar as imagens ele (a) questiona os alunos se conhecem aquele lugar onde acontece a determinada festa religiosa sagrada, quais suas características e onde ele está localizado no mapa regional? (sugere-se colar a imagem na devida região do Brasil). Para se tornar a atividade mais lúdica é possível desenvolvê-la na forma de um jogo com grupos e premiações para cada acerto. Quando uma pessoa ou grupo não conseguir responder pode pedir auxílio dos outros.

Ex:

1- Formem grupos de três alunos e vamos identificar características de cada uma dessas festas religiosas sagradas, selecionadas por meio de imagens ou fotos que seguem na sequência, e no mapa localizar a região de cada Lugar Sagrado onde acontece a festa apontando qual a matriz religiosa a que esse lugar pertence, em seguida o professor pode ler um texto sobre a determinada festa religiosa:





Imagem 1- Sul

No dia 2 de fevereiro, comemora-se em todo o Brasil o Dia de Iemanjá, a Rainha do Mar. Em Rio Grande do Sul, a festa em sua homenagem entra pela noite adentro e reúne milhares de pessoas que deixam suas oferendas junto ao seu monumento na Praia do Cassino. Trazida ao Brasil pelos povos de origem Iorubá, desde que assumiu o reino das águas salgadas começou a ser cultuada pelos pescadores como sua padroeira. Ao mesmo tempo, quanto mais o

seu papel de mãe se fortaleceu, maior foi a aproximação com a mãe dos católicos, Nossa Senhora, com a qual é sincretizada.

Iemanjá está associada ao Mar, à fertilidade das mulheres, à maternidade e principalmente ao processo de criação do mundo e da continuidade da vida. Seu culto original a associa ao plantio e colheita dos inhames e coleta dos peixes, donde seu nome Yemojá (Yeye Omo Ejá), Mãe dos filhos peixes, divindade regente da pesca.

Fonte: <http://festadeiemanja.blogspot.com.br/>



Imagem 2- Norte

Kuarup é um ritual/festa dos grupos indígenas do Parque do Xingu para homenagear os mortos. Os troncos feitos da madeira kuarup são a representação concreta do espírito dos mortos ilustres. A festa corresponderia a cerimônia de finados do homem branco, entretanto, o Kuarup é uma festa alegre, afirmadora, exuberante, onde cada um coloca a sua melhor vestimenta na pele. Na visão dos

índios, os mortos não querem ver os vivos tristes ou feios.

Uma cerimônia de mais profundo sentimento humano realizam os Kuikuro no mês de maio de cada ano e sempre em uma noite de lua cheia. Num cenário fantástico, os índios desta tribo, convidam as tribos amigas para evocarem juntas, as almas dos mortos ilustres.

Ainda noite, trazem da floresta vários toros de madeira, conforme o número dos que desapareceram, que vão ficando em linha reta no centro do terreiro em frente às malocas onde são recortados na forma humana de cada um e pintam neles as respectivas insígnias que em vida os fazia distinguir pajés, guerreiros, caçadores ou até mesmo aqueles que maior descendentes legaram à comunidade. Enquanto são executados estes trabalhos, alguns homens com arco e flechas entoam hinos aos mortos.

Fonte: <http://vida-de-indio.blogspot.com.br/2014/05/kuarup.html>



Imagem 3- Sudeste

Aparecida ou Aparecida do Norte como é chamada é um município do estado de São Paulo e sua história está diretamente ligada com a história da imagem da Padroeira, que deu origem a toda essa trajetória de fé e devoção. Preocupados em providenciar o jantar para o poderoso Conde de Assumar, de passagem pela Vila de Guaratinguetá, a caminho de Vila Rica (atual Ouro Preto), onde iria assumir o cargo de Governador da Capitania das Minas Gerais, três pescadores retiraram

com suas redes, do Rio Paraíba do Sul, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. A imagem que apareceu das águas ficou abrigada durante anos na casa de um dos pescadores, até que, em 1745, foi construída uma capela no Morro dos Coqueiros.

Os frequentes relatos de milagres atribuídos à Santa fizeram com que fosse criada uma freguesia de Guaratinguetá, batizada de Aparecida. Devido à intensa peregrinação de fiéis, a capela foi ampliada e, em 1888, Nossa Senhora Aparecida e a Vila de Aparecida ganharam uma igreja maior, conhecida hoje como Basílica Velha ou Matriz Basílica. Em 1928, a Terra da Padroeira finalmente conseguiu sua emancipação de Guaratinguetá, e sua história de fé prosseguiu com a construção, em 1955, do Santuário Nacional, segunda maior basílica e maior santuário mariano do mundo.

Fonte: <http://aparecida.sp.gov.br/historia-da-cidade/>



Imagem 4 – Norte

O Círio de Nazaré, considerada a maior procissão católica do mundo, acontece todo segundo domingo de outubro em Belém do Pará, reunindo cerca de dois milhões de fiéis. A procissão homenageia a imagem de Nossa Senhora de Nazaré e faz parte do patrimônio cultural de natureza imaterial do Brasil. Ela acontece desde 1792.

A origem da procissão está ligada à lenda da descoberta da imagem de Virgem de Nazaré. Em 1700, às margens do igarapé Murucutú, o caboclo Plácido José de Souza encontrou a imagem de Nossa Senhora. Ele levou a estátua para sua cabana, mas, no outro dia, ela não estava mais lá. Plácido a achou novamente no igarapé onde a havia encontrado no dia anterior. Este é considerado o primeiro milagre da Virgem de Nazaré. Assim, o Círio refaz há mais de 200 anos o caminho da imagem. O local onde Plácido a encontrou é hoje a Basílica de Nazaré. Assim, na noite de sábado, uma procissão a velas, chamada de transladação, leva a imagem da Basílica de Nazaré para a Catedral da Sé, no centro histórico de Belém, próximo de onde ficava a cabana de Plácido. Na manhã de domingo, acontece a principal procissão quando a imagem sai da Catedral da Sé e segue

para a Basílica de Nazaré. São 4,5 quilômetros de caminhada com várias paradas para homenagear a Santa. Por causa da quantidade de promesseiros participando, a caminhada pode ser extremamente demorada. O mais longo Círio da história aconteceu em 2004, quando a procissão durou nove horas e quinze minutos.

Fonte: <http://www.ciriodenazare.com.br/portal/historia.php>



Imagem 5- Centro-oeste

O Vale do Amanhecer é uma religião espiritualista cristã, criada para abrigar a Doutrina do Amanhecer, fundada em 1959 pela médium clarividente Tia Neiva. Essa espiritualidade foi trazida pelo espírito de Francisco de Assis, conhecido nessa doutrina como "Pai Seta Branca", e por sua equipe espiritual, contendo elementos de várias outras religiões.

O Vale do Amanhecer tem sede em Taguatinga-DF e já conta com mais de

600 templos em todo o Brasil e em outros países. Em Pernambuco são quase 50 templos (veja aqui os seus endereços e referências). Saiba mais sobre essa religiosidade aqui, em sua página oficial na Internet: <http://www.valedoamanhecer.com/oquee/ovaletotal.htm>



Imagem 6- Sudeste

A ACAL – Associação Cultural e Assistencial da Liberdade, em conjunto com a Federação das Escolas Budistas do Brasil, a Associação dos Admiradores do Buda Xaquiamuni e a Aliança Feminina Budista do Brasil, promove o 50º HANAMATSURI, Festa das Flores, comemorando o aniversário do Buda Xaquiamuni, que será realizado na praça da Liberdade, em

São Paulo. O Buda estará comemorando 2640 anos de nascimento.

50º Hanamatsuri 2016 – Festa das Flores da Liberdade– Festa das Flores da Liberdade acontece de 4 a 9 de abril, no bairro da Liberdade em São Paulo, como iniciativa da Associação Cultural e Assistencial da Liberdade, em conjunto com a Federação das Escolas Budistas do Brasil, a Associação dos Admiradores do Buda Xaquiamuni e a Aliança Feminina Budista do Brasil.

Fonte: <http://madeinjapan.com.br/agenda/evento/50o-hanamatsuri-2016-festa-das-flores-da-liberdade/#sthash.VDTUriu2.dpuf>

INFORMAÇÕES GERAIS:

CURSOS NA SME DE CURITIBA

A divulgação e inscrição dos cursos na SME de Curitiba se realizam no site: www.cidadedoconhecimento.org.br, sendo ofertados em parceria com a ASSINTEC, exclusivamente para professores da Rede Municipal de Educação de Curitiba. Formações em andamento:

- Ensino Religioso para iniciantes pela plataforma Moodle, destinado aos professores regentes e específicos de Ensino Religioso.
- Grupo de Ensino Religioso: Produção do Caderno Pedagógico.

2º SEMESTRE:

VI COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS NO ENSINO RELIGIOSO (Seminário do DEF). Data: 30/11.

CURSOS NA SEMED DE PINHAIS

Os cursos realizados pela SEMED em parceria com a ASSINTEC são voltados para a formação continuada dos profissionais da educação da Rede Municipal de Educação de Pinhais.

- Proficiência: Oficina sobre o Planejamento no Ensino Religioso – Data: 26/07
- Visita técnica aos Lugares Sagrados – Data: 14/09
- V Seminário Municipal da Diversidade Étnico-Racial de Pinhais – Datas: 20 e 21 de outubro. Inscrições gratuitas com direito à certificação. Vagas abertas para todos os interessados.
- III Compartilhando Experiências no Ensino Religioso – Data: 23/11

FORMAÇÃO CONTINUADA PROMOVIDA PELA SEED/DEB

- JORNADA DAS HUMANIDADES: A Secretaria de Estado da Educação por meio do Departamento de Educação Básica promoverá formação continuada interdisciplinar para professores e professoras.
- PROPOSTA DE AÇÃO INTERDISCIPLINAR: ENSINO RELIGIOSO, FILOSOFIA, GEOGRAFIA, HISTÓRIA E SOCIOLOGIA. O Núcleo Regional de Curitiba em parceria com o Departamento de Educação Básica da Secretaria de Estado da Educação e Assintec promoverá uma formação continuada dois encontros na PUC/PR com professores e professoras da Rede Estadual Pública.
- FORMAÇÃO EM AÇÃO acontecerá no 2º semestre nos NRE's, com formação na disciplina de Ensino Religioso.
- LIVRO DE ENSINO RELIGIOSO: DIVERSIDADE CULTURAL E RELIGIOSA: a Secretaria de Estado da Educação do Paraná disponibiliza o livro em pdf na página disciplinar do Portal da Educação:

<http://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1271>

- XXII ARTE E ESPIRITUALIDADE - Este evento acontecerá no dia 09/11 no Auditório da Biblioteca Pública do Paraná.



MEMBROS DA DIRETORIA

Carlos Alberto Chiquim – Presidente
Sylvio Fausto Gil Filho – 1º Vice-presidente
Jorge Schieferdecker – 2º Vice-presidente
Gustavo Roberto de Sá Pereira – 1º Secretário
Gamal Fouad El Oumairi - 2º Secretário
Dourival Braz Simões – 1º Tesoureiro
Simone Correia Neves - 2º Tesoureira



*Tradições Religiosas
ou
Organizações Religiosas?*

Na versão atual das Diretrizes Curriculares de Ensino Religioso da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, foi substituído o conteúdo Tradições Religiosas por

ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS

Será um novo conteúdo?

Por que desta alteração?

Não se trata de um novo conteúdo, mas um novo olhar sobre o conteúdo já existente.

Acompanhem esta mudança no próximo Informativo da ASSINTEC

EQUIPE PEDAGÓGICA

Adriana Mello Gaertner Fernandes
Brígida Karina Liechocki Nogueira da Silva
Elói Corrêa dos Santos
Valmir Biaca

1º Semestre de 2016

Rua: Máximo João Kopp 274 - Bloco 4

CEP: 82.630-000 Santa Cândida – Curitiba PR - Fone: 0 XX 41 3251-6542

E-mail: assintecpr@yahoo.com.br



Curta nossa página no Facebook



Site da ASSINTEC: www.assintec.org.br



Assista: ASSINTEC no YouTube